

o grivo

galeria

nara

roesler



desenho 2015 -- 2 cilindros de madeira, folha de madeira com desenho, motores elétricos, câmera de vídeo, projetor, interface de som, computador/2
wood cylinder, wood leaf, electric motors, projector, video camera, sound interface, computer, -- dimensões variáveis/variable dimension

o grivo

o grivo ou música como ranger, sussurrar, zunir, murmurar agnaldo farias

porque tudo canta e cantar é enorme.

herberto helder – poemacto I

Nelson Soares e Marcos Moreira, os dois nomes ocultos por detrás de O Grivo como manipuladores de marionetes, são compositores, músicos/interpretes de suas próprias obras e luthiers, isto é, profissionais artesãos que constroem e consertam instrumentos musicais. No caso deles, inventam os próprios instrumentos que depois, em performances permeadas por uma discreta coreografia de gestos mínimos, silenciosos e prudentes, produzem as complexas algaravias, os chiados, rangidos, rumores, suspiros e ruídos, todos emitidos em alturas que puxam pelo silêncio do espectador/ouvinte, matéria prima de seu vasto repertório, grandemente tributário do acaso, posto que se presume que não saibam ao certo o tipo de sonoridade que obterão de raspagens, percussões, choques de materiais uns contra os outros. Afinal quais são os sons adormecidos nas coisas? Não é mesmo verdade que cada coisa reage de modo diverso ao que nela bate, roça, encosta?

Até o princípio do século XX, barulhos e ruídos eram postos à margem da música. A história é longa, mas um de seus pontos de partida é o italiano Luigi Russolo, compositor e músico Futurista, responsável pela publicação do manifesto L'Arte dei Rumori, de 1913, e pela invenção da sua Máquina de fazer ruídos, a Intonarumori. Até Russolo, a música ocidental estava praticamente confinada à escala cromática, aos sete tons maiores e cinco menores da música tonal – nossos dó, ré mi... + bemóis e sustenidos –, sendo por isso mesmo denominada música tonal, realização protagonizada pelos instrumentos ditos acústicos, todos eles comprometidos com a reprodução desse conjunto de recortes de frequências sonoras, cuja expressão mais conhecida é o teclado branco e preto dos pianos, na prática uma drástica redução do universo sonoro se se considera a amplitude do espectro audível do ouvido humano, que em termos ideais vai de 20 a 20 mil hertz.



desenho 2015 -- 2 cilindros de madeira, folha de madeira com desenho, motores elétricos, câmera de vídeo, projetor, interface de som, computador/2 wood cylinder, wood leaf, electric motors, projector, video camera, sound interface, computer, -- dimensões variáveis/variable dimension



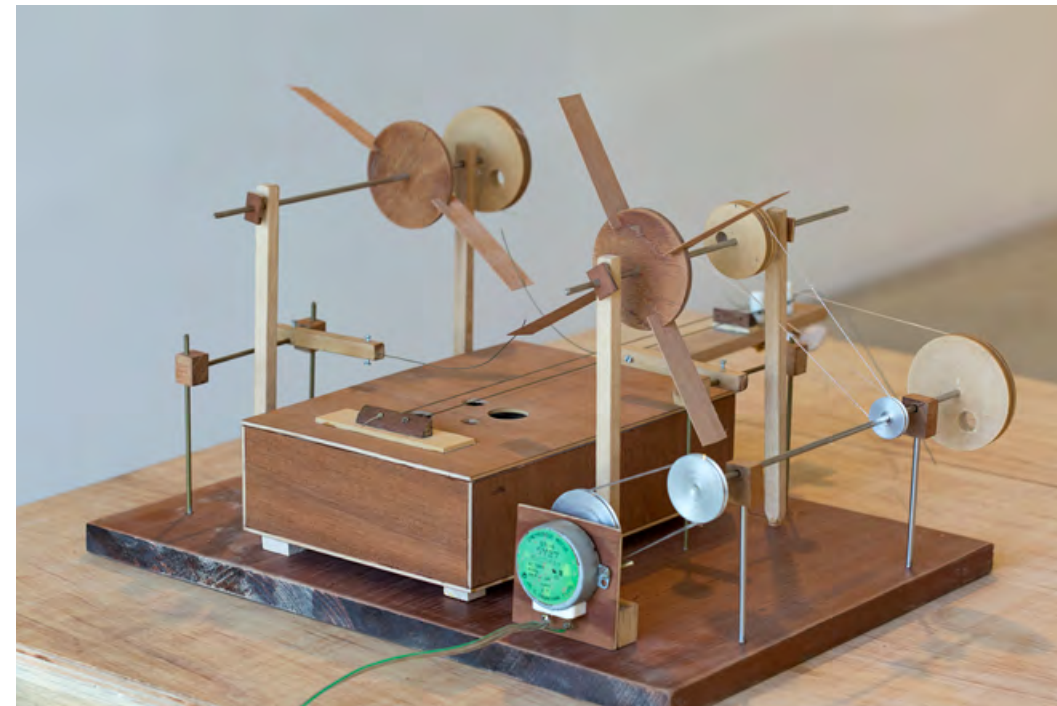
vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler, 2015

De Russolo para cá, muita gente se insurgiu contra a noção canônica de música defendendo o valor do ruído, do som incidentalmente provocado, num arco que vai de Edgard Varèse – que, coerente com a sociedade urbana/industrial, empregava sirenes e buzinas – a John Cage, que compreendia a ampliação da música – ou, para seus detratores, a destruição – pela incorporação do ruído, bem como do silêncio. Neste elenco magistral de artistas, para a percepção mais exata da contribuição de O Grivo, não deve faltar o suíço radicado na Bahia Anton Walter Smetak, músico fecundo, notável criador de instrumentos musicais.

Por si só, a inscrição de O Grivo na respeitável tradição de compositores defensores do ruído e fabricantes de instrumentos não serve para avaliar a importância de sua obra, e o fato da dupla ser cada vez mais bem recebida no âmbito das artes visuais, ao passo que serve para demonstrar a abertura desta, esclarece a lentidão do

público ligado à música, que ainda se irrita quando uma dissonância vem atormentar seu cochilo estético. O Grivo começou a ser visto e ouvido além das dilatadas fronteiras das Minas Gerais, de Belo Horizonte, onde vivem, através das trilhas sonoras dos filmes de Cao Guimarães, que são tão experimentais para o cinema brasileiro como as trilhas o são para a nossa música. Não admira que também Cao venha ocupando um espaço exitoso nas artes visuais.

Os objetos musicais inventados por O Grivo são esculturas e instalações que tocam, que emitem sons desencadeados pelos próprios artistas ou por pequenos motores elétricos, ou ainda porque são, ou serão – afinal, até onde irão esses caras? – construídos de modo a colher as correntes de vento que fluem em rotas variáveis, frequentemente imperceptíveis. Em todos os casos, a música que produzem vai longe daquela com a qual estamos acostumados, ainda que



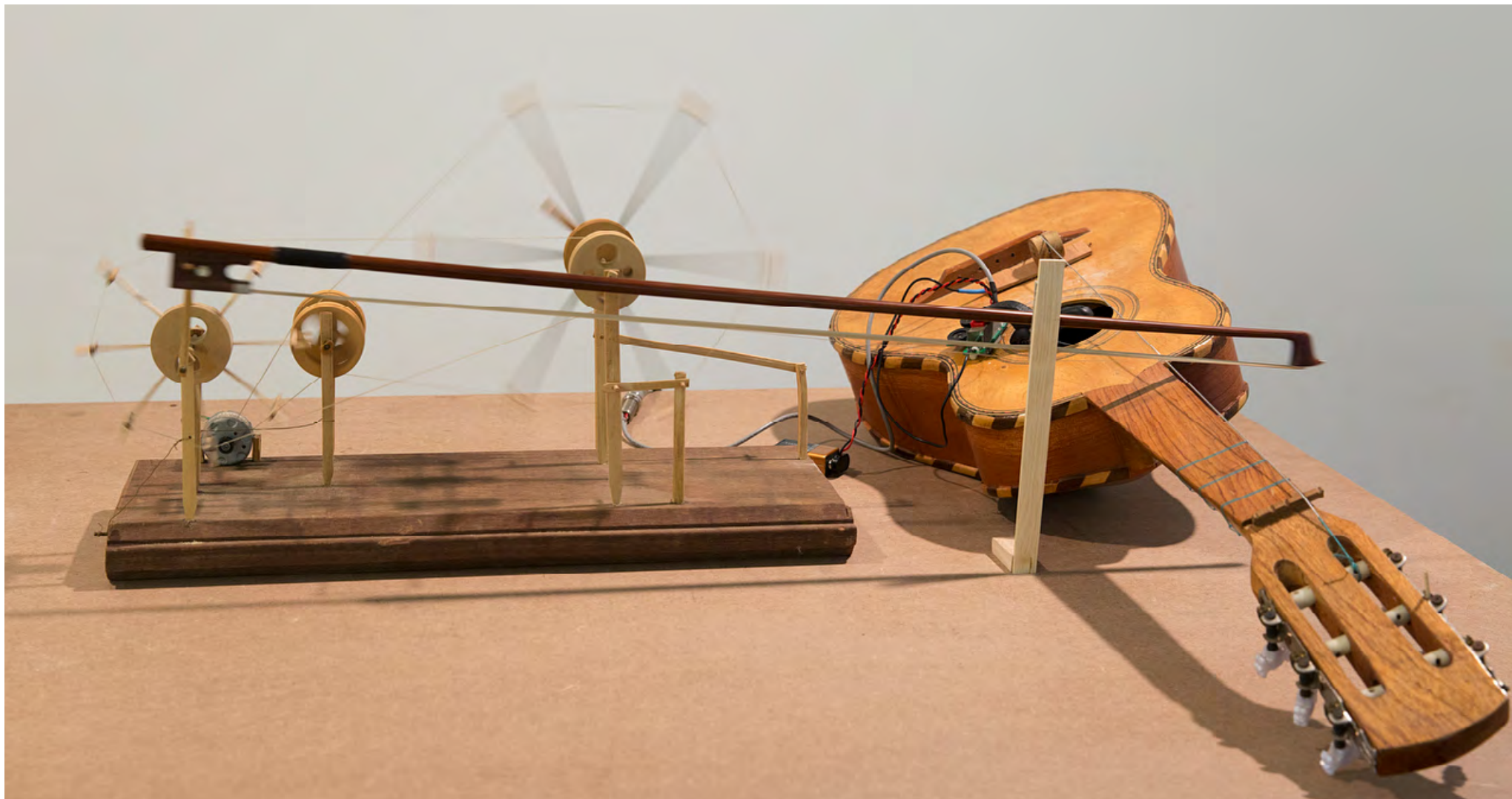
máquina violãozinho, 2014 -- madeira, arame, fio de nylon, corda de violão, elastico e motor elétrico/guitar, bow, machine, sound interface, computer -- 27 x 45 x 48 cm

nos seja muito conhecida, identificada com o muito da gama sonora proveniente do mundo e que nos é grandemente familiar, porque, como escreveu o grande poeta português Herberto Helder, tudo canta, e cantar é enorme. Cantam as dobradiças que rangem ao peso das portas se abrindo e fechando, o farfalhar das roupas nos armários quando passadas em revistas pelas nossas mãos, os pingos das chuvas no telhado de metal ou telha ou calhas ou nas poças d'água, os assobios que silvam ao acaso, sem coerência com alguma música conhecida, os gritos, imprecações, os choros, os amuos quase nulos, mas ainda assim sonoros. Tudo canta, tudo tem lá sua caixa torácica, sua densidade, seu modo de reagir ao frio, contraíndo-se aos estalos,

que é diferente dos estalos e suspiros entediados da lassitude com que os corpos vão sentindo o calor, parecendo rebentar sob ele.

Os dois artistas, curvados como ourives do som, ouvidos e mãos apurados, engatam engrenagens e, através de manivelas, rodas de madeira, botam em movimento toda uma miuçalha de barbantes, arames, fragmentos de chapas finas e enferrujadas, polias; por meio de ações dignas de uma dupla de manipuladores de marionetes, ou de mamulengos – estes ainda mais próximos do boneco manipulado –, transformam em girândolas os conjuntos dispersos dos objetos fabricados, cada qual com seu ritmo, cada qual com seu som, que também é resultado do entrechoque entre si.

Tal e qual acontece na vida.



máquina de arco, 2013 -- violão, arco, máquina, interface de som, computador/guitar, bow, machine, sound interface, computer -- dimensões variáveis/variable dimension



detalhe/detail, **engrenagens**, 2013 -- engrenagens, rodas de madeira, motores elétricos/gears, wood, electric motors -- dimensões variáveis/variable dimension

o grivo or music as creaking, whispering, buzzing, murmuring

agnaldo farias

because everything sings and singing is huge.

herberto helder – poemacto I

Nelson Soares & Marcos Moreira, the two names concealed behind O Grivo as puppeteers, are composers, musicians/interpreters of their own work and luthiers, i.e. professional artisans who build and repair musical instruments. In their case, they invent the very instruments which afterwards, in performances permeated by a discreet choreography of minimal, silent, prudent gestures, produce the complex gibberish, the hissing, creaking, rumoring, sighing and noise, all emitted at volumes that command silence from the spectator/listener, the raw material to their vast repertoire, to a great extent a tributary of chance, since one presumes they do not know for sure what type of sonority they will obtain by scraping, beating, clacking materials against one another. After all, what are the sounds that lie asleep within things? Is it not so that each thing reacts differently to whatever pounds it, rubs it, touches it?

Up until the early 20th century, racket and noise was kept out of music. It is a long story, part of which begins with Italy's Luigi Russolo, the Futurist composer and musician responsible for publishing the manifesto *L'Arte dei Rumori*, in 1913, and for inventing *Intonarumori*, the Noise Machine. Before Russolo, Western music had been all but confined to the chromatic scale, the seven major and five minor keys in tonal music – our do, re, mi...

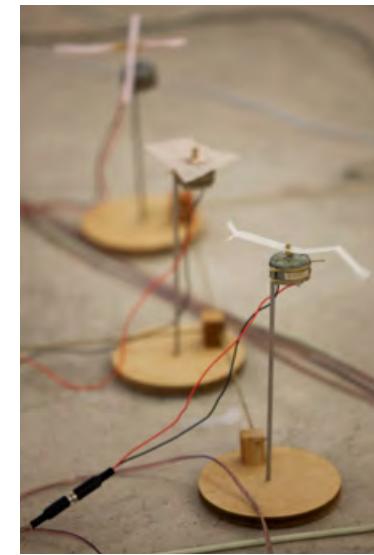
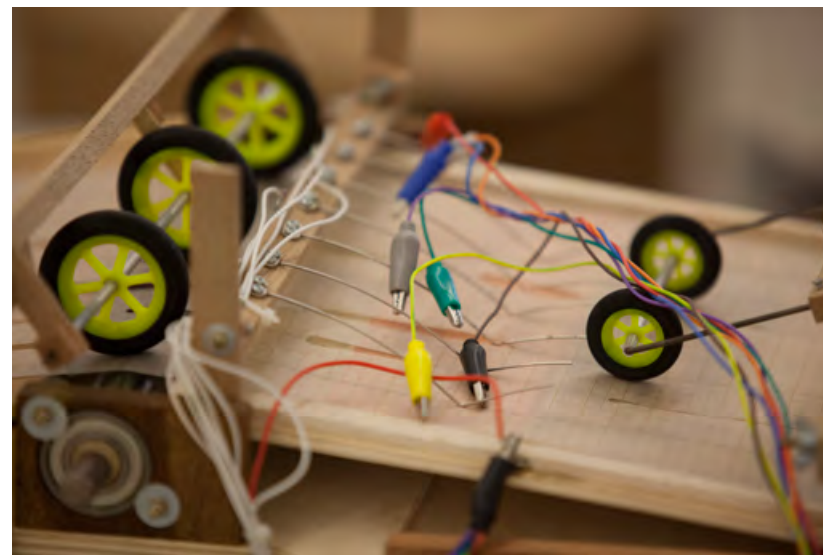
+ flat and sharp notes –, hence the name tonal music, brought to fruition by so-called acoustic instruments, all of them committed to reproducing this set of sound frequency cross-sections, whose best-known expression is the black-and-white piano keyboard, in actuality a drastic narrowing down of the sound universe, considering the amplitude of the spectrum audible to human ears, which in ideal conditions ranges from 20 to 20,000 hertz.

From Russolo until our days, many have risen against the canonic notion of music by championing the value of noise, of incidentally provoked sound, in an arc spanning from Edgard Varèse, who embraced urban/industrial society by employing sirens and horns, to John Cage, who advocated the broadening of music – or, to his detractors, its destruction – through the incorporation of noise and silence. To this masterful roster of artists, and for a more exact perception of O Grivo's contribution, one must not forget the Swiss-born, Bahia-based Anton Walter Smetak, a prolific musician and notable inventor of musical instruments.

In and of itself, O Grivo's inclusion in the respectable tradition of instrument-building composers who advocate noise does not suffice in assessing the importance of their work. And the fact that the duo is increasingly well-received in the realm of visual arts, while it



o grivo com os músicos marcelo comparini e roberto freitas -- performance máquina orquestra, 2015 performance durante a abertura da exposição/performance during the opening of the exhibit -- -- 20.06.2015



o grivo com os músicos marcelo comparini e roberto freitas -- performance máquina orquestra, 2015 performance durante a abertura da exposição/performance during the opening of the exhibit -- -- 20.06.2015

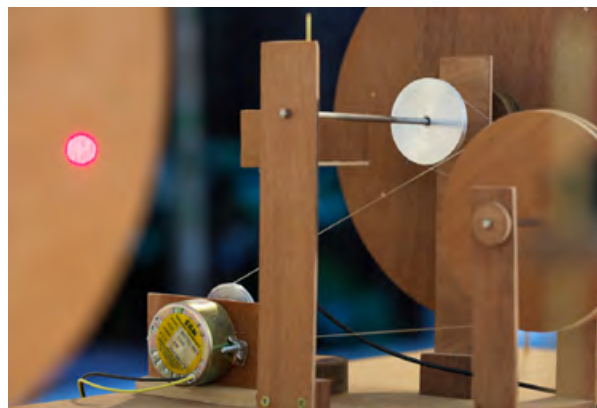
does demonstrate said realm's growing openness, also attests to the slowness of music audiences, who still become irritated whenever dissonance disrupts their aesthetic slumber. O Grivo came to be regarded and heard beyond the dilated borders of Minas Gerais, of Belo Horizonte, where they live, through the soundtracks of Cao Guimarães' films, as experimental to Brazilian cinema as their soundtracks are to our music. Little wonder, then, that Cao is carving out a successful space for himself in the visual arts.

The musical objects invented by O Grivo are sculptures and installations that play, that emit sounds triggered by the artists themselves or by small electric engines, or else because they are, or will be – after all, how far will these guys go? – built in such a way as to harvest the wind currents that flow along varying, oft-imperceptible routes. In any case, the music they produce is far removed from what we are accustomed with, even though it is very much known to us, identifying with much of the sound gamut that springs forth from the world and with which we are greatly familiar, because, as the great Portuguese poet Herberto Helder wrote, everything sings, and singing is huge. They sing, the hinges that squeak at the weight of opening and closing doors, the rustle of clothes in closets as our hands run through them, the drops of rain on metal or tile or roof gutters or puddles, the whistles that toot randomly, with no connection to any known song, the shouts, imprecations, the weeping, the near-silent but still-audible moans. Everything sings, everything has its rib cage, its density, its way of reacting to the cold, snapping as it contracts, unlike the snaps and whispers bored from the lassitude with which bodies feel the heat, seeming to crack under it.

The two artists, hunched over like goldsmiths of sound, sharp ears and hands, engage gears and, through cranks, wooden wheels, set in motion a plethora of rope, wire, pieces of rusted, thin sheets, pulleys; through actions worthy of a couple of pupeteers, or mamulengos, the latter of which are even closer to a manipulated doll, they transform the dispersed sets of fabricated objects into pinwheels, each with its own rhythm, each with its own sound, which is also the result of the shocks between them. Just like in real life.



4 discos, 2014 -- 4 discos de madeira, motores elétricos, sensores, interface de som, computador/4 wood disc, electric motors, sensors, sound interface, computer -- **dimensões variáveis/variable dimension**



detalhe/detail -- **4 discos**, 2014 -- 4 discos de madeira, motores elétricos, sensores, interface de som, computador/4 wood disc, electric motors, sensors, sound interface, computer -- **dimensões variáveis/variable**



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015



o grivo

texto/text

agnaldo farias

tradutor/english version

gabriel blum

realização/produced by

galeria nara roesler

galeria nara roesler

são paulo

av europa 655

jd europa 01449-001

abertura/opening

20.06.2015

11 > 15h

exposição/exhibition

22.06 > 15.08.2015

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h



(capa/cover) detalhe/detail --

máquina de arco, 2013 -- violão, arco,
máquina, interface de som, computador/guitar,
bow, machine, sound interface, computer --
dimensões variáveis/variable dimension

galeria

nara roesler

são paulo

rio de janeiro

info@nararoesler.com.br

www.nararoesler.com.br